

**4<sup>a</sup> PARTE**

---

**Discursos**

## SAUDANDO TEOBERTO LANDIM\*

Noemi Eliza Soriano Aderaldo

Dando curso à sua já longa e gloriosa história, a Academia Cearense de Letras tem a honra de, hoje, receber entre seus membros, a valorosa figura humana e literária do professor, intelectual e escritor Sebastião Teoberto Mourão Landim.

Personalidade de origem interiorana e modesta, que galgou posições, conquistou títulos e grangeou reputação sempre calcado nos seus próprios esforços e nos seus inegáveis méritos, o seu currículo espelha fielmente a trajetória retilínea e ascendente de uma vida concentrada nas diversas vertentes da lida intelectual relacionada diretamente com o campo das Letras, caracterizando uma genuína vocação que confere autenticidade e seriedade aos seus empenhos, desempenhos, cometimentos e realizações, de uma inteireza e de uma qualidade que nestes tempos tão contraditórios e conturbados tanto vemos escassear.

Teoberto conquistou, espontaneamente, pela sua maneira de ser e de atuar, a amizade e o respeito dos companheiros e colegas de universidade e de lides literárias, o que, com certeza, terá continuidade neste cenáculo, em virtude das qualidades humanas que aprendemos a admirar e que ora proclamamos neste auditório, cujo "corpus" acadêmico acertadamente o recebe, enriquecendo-lhe o conjunto.

Ocupando, neste momento, a chefia do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, que administra e dinamiza com grande equilíbrio e lucidez, Teoberto Landim fez seu Doutorado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde se relacionou com vários dos mais expressivos vultos que pontificam nas Letras nacionais, não só como teóricos mas como criadores literários, e onde consolidou sua formação acadêmico-docente. Além disso, incursionou prestigiosamente em terras européias,

---

\* Discurso de saudação, em nome da Academia Cearense de Letras, ao neo-Acadêmico Teoberto Landim, em sessão solene realizada a 8 de novembro de 1991, no salão nobre do Palácio da Luz.

onde proferiu conferências em diversas universidades, tendo inclusive ministrado curso sobre “Os Romances da Seca do Nordeste” na Universidade de Colônia, na Alemanha.

A seca e o sertão nordestinos constituem, aliás, um tema de sua predileção, não apenas literariamente, como também sociológica e antropológicamente, continuando, como não poderia deixar de ser — já que talentosamente atento, lúcido e sensível —, a tradição de conferir dimensão universal ao regional, vinculado e fiel que sempre se manteve ao adusto Nordeste que o gerou e o formou.

O novel acadêmico amalgama em si mesmo um duplo e feliz conúbio. Como homem de cultura, em cujo universo milita — e aqui tanto no sentido das “humanidades” como no antropológico —, reúne a atividade teórico-pedagógica do professor e a “praxis” criativa do escritor; e, como escritor, explora a dupla vertente do ficionista e do ensaísta, vale dizer do artista e do pensador.

E aqui no escritor — recorrendo a uma imagem arquetípica, o que sempre nos ajuda —, por conseguinte, vemos cruzar-se uma dupla linha ou perspectiva, relativamente rara, mas que sempre coexistem no espírito humano que se expressa através da linguagem, ainda quando uma delas se conserve em estado potencial: a primeira, que podemos dizer de vetor horizontalizante, a da apreensão da realidade através de uma sensibilidade criativa e transfiguradora, impelida pelo poder mágico da imaginação e da fantasia, que requer a abertura do coração e dos sentidos às impressões que do meio, natural ou não, emanam, embora esse fluxo espontâneo da vivenciação, tanto de origem externa como interior, seja supervisionado, no processo da sua transposição expressiva, pela vigilância ou pela contemplação seletivizante do espírito; a outra, de incidência mais verticalizante e de índole mais rigorosa, representada pela apreensão, pela apropriação de natureza pensante, reflexiva e crítica, que filtra em sua rede os conteúdos ideativos da mente e entretece, paciente e vigilante, as conexões associativas e causais, implicativas e explicativas, que ligam fatos e fenômenos de toda ordem, elaborando um coerente painel de pertinências cuidadosamente ordenadas em linhas sucessivas adequadas ao encadeamento lógico-discursivo, o que caracteriza o ensaio. A primeira, uma linha mais solta, mais fluida, de subjetividade mais livre, presente à atividade literária mais propriamente criadora. A primeira, portanto, irrecusavelmente imaginativa, donde surge a ficção; já a segunda, eminentemente conceitual, da qual procede o ensaio.

Ainda que, à sua revelia, o ficcionista se locomove num mundo impregnado tanto das reminiscências subconscientes das coisas do passado que mais permearam sua sensibilidade, quanto das suas expectativas, dos seus sonhos e de sua "visão-de-mundo", que o envolvem, sendo que tudo isso, mesmo apesar dos possíveis disfarces (lembre-se, "en passant", o famoso "fingimento" pessoano) que o autor possa interpor conscientemente entre ele e si mesmo, ou entre ele e o leitor, na construção do texto ou escritura, não deixa de se revelar e se projetar, ainda que subliminarmente, na escolha e no uso do significante, ou seja, no "plano da expressão", para empregar o conceito de Hjelmslev.

O fenômeno não deixa de ser transparentemente flagrado na literariedade da narrativa ficcional de Teoberto Landim, em cujo discurso se infiltram as impressões reminiscentes e os nostálgicos sonhos do sertão, actante maior, que mesmo no plano vertical, ensaístico, não deixa de marcar, como tema, seu pensamento, ao deslocar-se por entre as problemáticas das relações sociais de poder e de classe, ligado ao ideal de justiça, de equanimidade, de fraternidade e de paz. Eis o que sempre possibilitaria, no manejar da linguagem, mesmo quando habilmente dissimulada, uma análise de fundo psicológico, em que sempre achamos preferível a de teor junguiano, trabalhando com os símbolos e os arquétipos do inconsciente coletivo, que confraterniza a humanidade, em vez de estilhaçá-la com a introdução niilista da ausência e da vacuidade, aquela preferível, dizíamos nós, à de índole lacaniana, que julgamos esterilizante no seu formalismo absenteísta e frio em relação ao que tem a experiência humana de mais essencial e de mais nobre.

Não sei o que se deva apreciar mais no Teoberto escritor, se o ficcionista, se o ensaísta.

Indiferente, quando lhe apraz, aos procedimentos enunciativos básicos analisados pelos neo-estruturalistas da lingüística literária, e para além dos mesmos, encontramos no ficcionista, no contista sobretudo, sob a desprezenciosa aparência e fluidez dum prosear simples, já insinuado pelo título "Conversa Fiada", apreendemos, dizíamos, apesar disso, na instância mesma da enunciação, processos lingüísticos inconscientes que delineiam, na memória do autor, o desenho do sertão, com os matizamentos afetivos a ele ligados, e podemos também flagrar, na sua prosa, os chamados "deslocamentos sintáticos" e "condensações semânticas", novas rubricas teóricas que em si

recolhem toda a série das tradicionalmente denominadas “figuras de linguagem” ou de “retórica”.

Na realidade Teoberto nunca deu, de fato, adeus à sua “Canabrava”, como intenta no seu conto de abertura, pois o distante muita vez adere, e a saudade solda:

*“Canabrava ainda era aquela flor intocável coberta pelo manto sagrado do sol”; “fincada no sertão brabo de secas constantes, ela foi a semente que caiu em terra boa.”*

Flagramos em “Travessia”, outro dos seus contos, rasgos poéticos como estes:

*“Somente um poeta poderia, em lirismo ardente, juntar as distâncias...”; e “As verdadeiras noites do sertão, cheias de astros...”*

É que a música da palavra, leve e livre, sem as habituais travas da razão, hipnotiza o pensar-sentir do autor, como receptor de uma mensagem que o impregna. O que torna saborosa a “Conversa Fiada” é exatamente sua desprezenciosa singeleza de conteúdo, seu despojamento de linguagem.

Redescobrimos, por acaso, confessar o autor implicitamente, na escolha da epígrafe de Graciliano Ramos que antepõe ao livro, muito do que dissemos mais acima, quando o autor de “Vidas Secas” arre-mata um seu enunciado dizendo:

*“Nossos personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos.”*

Apesar de ser Teoberto, como já se disse alhures, um teórico-cientista da Literatura, o que melhor o aparelha como docente e como escritor, nem por isso tal se traduz jamais, lingüisticamente, em alguma espécie de álgido formalismo, já que busca sempre a genuína literariedade e a essencialidade da expressão, o que certamente contribui para a contextualização do seu discurso no aqui e agora, em que pode mais diretamente, inclusive, deixar emergir a problemática do seu tempo.

No ensaio, entretanto, nem por isso deixa de realizar percucientes e brilhantes incursões num passado histórico-literário brasileiro,

como é o caso da época de Gregório de Matos, rica de contrastes sociais e políticos, o que tematiza conjuntamente às motivações do famoso satírico face às forças em jogo no contexto imediato do tempo em que viveu. Aqui mostra Teoberto como e porque usa o cognominado "boca do inferno" a sua singular verve poética para denunciar injustiças, desgovernos, falcatruas, intrigas e mazelas já então vigentes na atividade política e no exercício do poder em nosso país.

Outros bem sucedidos e brilhantes mergulhos reflexivos em destacados temas histórico-literários e culturais são empreendidos, como nos casos de Silvío Romero e do português José Saramago, hoje em tanta evidência.

Além disso, investiga as poéticas de Jorge de Lima, de Artur Eduardo Benevides e de Francisco Carvalho, elaborando na obra dos três poetas, exegeses das mais significativas.

Em Jorge de Lima se detém especialmente no seu lado místico, que bem capta em pinceladas como esta:

*"Jorge de Lima apreende a realidade externa num ato de inclusão criadora que funde a presença do mundo com sua própria consciência".*

e como estoutra:

*"O poeta se encaminha tanto através da palavra como através do silêncio, este silêncio que é uma forma de integração espiritual da vida na obra."*

Quanto a Artur Eduardo Benevides, executa um vôo mais abrangente, enfatizando-lhe, com rara pertinência e felicidade, vários aspectos do gênio lírico.

Falando da rica interioridade do poeta, diz Teoberto:

*"É esta elevada grandeza interior que constitui a nobreza da poesia lírica benevidiana. Sem dúvida a versatilidade com que trabalha os seus temas e as formas de expressão lírica dizem do autêntico conhecedor de sua arte e, por isso, consciente quando transgride a forma, e mestre quando se apodera do mundo exterior como pretexto estimulante de imagens da interioridade."*

Mais adiante afirma:

*“O poeta desce às profundidades mais íntimas dos conteúdos espirituais e revela o que aí está escondido.”*

Demorando-se no exame das variegadas formas e espécies tradicionais exploradas na poética de Artur Eduardo Benevides, e demonstrando a mestria com que o faz, acrescenta ainda Teoberto:

*“A poesia benevidiana é uma produção desta multiforma, tanto no que diz respeito ao texto (o poema), como às modalidades de composição lírica. Benevides explora quase todas elas e, num processo consciente, tanto as aceita como as transgride em favor da manifestação de seu lirismo puro.”*

E se estente citando exemplos desta “transgressão criadora” e renovadora.

Merece destaque o trabalho de certa forma pioneiro que Teoberto empreende, acenando para um futuro prosseguimento, acerca da ainda pouco estudada obra poética de Francisco Carvalho, que constitui, como o mostra, um capítulo singular no panorama da literatura cearense, em se tratando de um autor de certa forma drummondianamente arredo, mas que já produziu uma alentada obra poética marcada pela extrema seriedade, pela autenticidade, pela altitude temática, pela concisão e pelo domínio da forma, mas rica no seu estro, nascendo duma fonte interior de vida que, em contínua perplexidade, reflete o mundo à sua personalíssima maneira.

Nascida dessa perplexidade perante o mundo e a vida, caldeada por uma rara sensibilidade expressiva, escolhe Teoberto como núcleo temático do seu ensaio o veio metafórico da Esfinge.

Depois de afirmar que, no poeta, “há uma intuição especulativa, uma busca incessante... sempre atento aos problemas da vida e perplexo ante o problema da morte”, esclarece, pouco mais adiante, que “a poesia de Francisco Carvalho é a busca deste céu que amiúde aparece na dimensão das coisas. É a procura de Deus, em sua imanência e transcendência divina”.

Abordando o núcleo do vate em foco, nosso ensaísta conclui que, a partir do seu livro “Canção atrás da Esfinge”, “a magia de sua

palavra põe no termo “esfinge” todo o peso enigmático, onde o poeta passa a esconder a sua dualidade. Por um lado, permanece atrás da esfinge, e a poesia parece exprimir de forma adequada as múltiplas alternativas do cotidiano e do metafísico. Por conseguinte, a esfinge é o enigma consubstancial à poesia que reflete o mistério de que se cercam as evanescentes realidades do mundo”, transcreve, a seguir, diversos exemplos, dentre os quais vale citar os seguintes versos:

*“Sou um ser, o outro é metade  
que não sabe de onde veio.  
Sou treva, sou claridade,  
solidão partida ao meio  
e entre os dois a eternidade.”*

Descerrando alguns dos véus, esclarece ainda: “tema encoberto pela metáfora da esfinge se desenvolve: a eternidade é outra das especulações e inquietações do poeta e, por mais complexo e paradoxal que pareça, essa procura filosófica tem sua resposta no esquema platônico e místico-cristão...” Nos parágrafos finais enfatiza que “seu compromisso é com a poesia, que se torna um modelo de modernidade sem modernismos”, para afirmar, conclusivamente, que através das suas metáforas “ele se lança aos extremos, valendo-se não da forma exata das significações, mas sim da sugestão mágica” e que “sua obra de cunho metafísico-existencial realiza-se num jogo de esconder, onde a metáfora da esfinge tenta escamotear a decifração, e, ainda, que “a intensidade lírica corresponde sempre a um tempo interior”.

Finalizando, queremos dizer que é precisamente este tempo interior, cuja densidade psicológica conforma, duradouramente, vida e obra de Teoberto Landim, que nos leva a recebê-lo no recesso harmonioso desta Casa, sob a sábia presidência de Cláudio Martins. Seja vem-vindo, Teoberto!